

**Cantora, compositora e produtora porto-alegrense, a “Velha Guerreira” tem trajetória também consolidada como professora, empreendedora, e ativista cultural e social**

## Reportagem Cultural

# Nanci Araújo: uma voz além da música

**Marcello Campos**, especial para o JC

Sobre uma das quatro escadarias do Viaduto Otávio Rocha, no Centro Histórico de Porto Alegre, o mesmo apartamento de um prédio na avenida Borges de Medeiros abriga quatro mulheres talentosas, carismáticas e de forte personalidade. Uma é cantora. A outra, professora. Já a terceira atua como empreendedora, enquanto a quarta exerce papel de destaque como ativista cultural e social. Todas completaram 63 anos em 16 de junho deste ano, têm trajetórias sublinhadas pela resistência e se fundem na mesma figura: Nanci Araújo, nome marcante na cidade ao longo das últimas quatro décadas.

O percurso da “Velha Guerreira”, como amigos e colegas também a chamam, teve seu ponto de partida a 2,4 quilômetros dali, na vila da Ilhota – berço do jogador Tesourinha e dos compositores/cantores Lupicínio Rodrigues e Zilah Machado. Filha de uma dona de casa e de um brigadiano vindos do Interior gaúcho, segunda de uma prole de três mulheres e três homens, a menina tinha a saúde fragilizada pelas próprias condições do enclave alagadiço – extinto nos anos 1970 – entre os bairros Cidade Baixa, Menino Deus e Azenha. A pneumonia contraída pela pequena Nanci Teresinha durante uma das cheias no entorno de casa apressou a busca de novos ares: “Moramos no Partenon, depois em Viamão. Meus pais tinham pouco estudo e escreviam apenas o básico, mas em casa havia um bom gosto musical. Desde que me conheço por gente, ouvíamos muita rádio, especialmente aos fins de tarde. Música popular, sambas, tangos, etc. Isso e também as atividades nas escolas por onde passei, como a Setembrina (no bairro Tarumã), certamente contribuíram para despertar em mim a vocação de artista (única dentre os irmãos), que ganharia continuidade após nosso retorno para o Partenon, no final da década de 1970, quando eu estava com 14 anos”.

Matriculada no Colégio Júlio de Castilhos, turno da noite, a adolescente se interessou por aulas de teatro e um curso técnico de desenho publicitário, mas problemas de frequência levaram à conclusão do 2º Grau (atual Ensino Médio) via curso supletivo. “Eu era péssima em física e química, e faltava demais às aulas, inclusive para entrar de graça nos jogos do Inter no Estádio Beira-Rio às quartas-feiras, com a ajuda de um colega que era parente do ‘Príncipe Jajá’ (meia-atacante de destaque no time colorado, três vezes campeão brasileiro na época)”, sorri.

Em paralelo, o trabalho desde os 14 anos reforçava o orçamento dos Araújo, além de bancar discos e ingressos para shows no ginásio Gigantinho. Primeiro como balconista de minimercado na rua Ramiro Barcelos, depois atendente em lojas como Imcosul e vendedora de anúncios para os jornais *Correio do Povo* e *Diário do Sul*. No magazine Hermes Macedo, o batente no departamento de Modas levou a bela morena a ser “Miss Simpatia do Comércio de Porto Alegre de 1984”, aos 21 anos. O inusitado é que a repercussão da faixa – geralmente sem maiores desdobramentos – daria o empurrãozinho inicial a uma carreira diante dos microfones: “Ao ser entrevistada pelo jornalista e carnavalesco Carlos Alberto ‘Roxo’ (1941-1989) na Rádio Princesa AM, comentei que cantava e que já havia atuado em um conjunto de bailes em Viamão. Ele propôs que eu levasse gravações minhas em fitas-cassete para rodar na emissora; então corri para providenciar. A Farroupilha acabou me chamando em seguida para tocar em uma festa; foi bem legal, só que isso não dava dinheiro, apesar da visibilidade. E meu pai ainda não permitia que eu cantasse em casas noturnas. O jeito foi investir na participação como intérprete e compositora em festivais com premiação e maior abertura à música popular, na Capital ou Interior.

**Leia mais na página central**



KARINE VIANA/INULGAÇÃO/JC



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Verdadeiramente revolucionário

As origens do que hoje se denomina “cabaré” são múltiplas. Vêm pelo menos desde o século XII, em Paris, e a denominação tem a ver com “cambret”, implicando um espetáculo de variedades, em que as pessoas, ao mesmo tempo em que assistem às atrações apresentadas, comem e bebem. Seja na variante francesa (que vai chegar ao “Chat noir” ou ao “Moulin Rouge” do século XIX), tem, de qualquer modo, um aspecto de contracultura, pois permite uma versatilidade de atrações – indo da comédia à tragédia, da recitação de poemas à crítica política – do mesmo modo que seu afim alemão, que surge ao longo do período de Weimar, com maior inflexão para o aspecto de crítica política.

A diretora Patrícia Fagundes, ao inaugurar o espaço da Cia. Rústica, na avenida Alberto Bins, deu início a uma série de espetáculos denominados genericamente de “cabarés”. O mais recente e recém-estreado, *Cabaré da vida pequena*, reúne em cena André Varela, Diego Nardi, Phill, Priscilla Colombi e Sandra Possani, sendo que a própria Patrícia Fagundes atua como contra regra. A direção musical é de Simone Rasslan, o que garante, de um lado, o bom gosto na seleção musical e, de outro, a qualidade das interpretações. Álvaro Rosacosta assina as mixagens das gravações, sendo a cenografia assinada por Rodrigo Shalako, cada vez mais um nome sempre presente nas melhores produções teatrais da cidade. Os figurinos, enfim, são de Sandra Possani, com iluminação de Gustavo Baggio e da diretora Patrícia Fagundes.

Fiel à tradição do gênero, *Cabaré da vida pequena* mistura temas e climas, mas tem um núcleo de inspiração, o que chama de “vida pequena”, figuras anônimas e populares, cujo dia a dia serve como ponto de partida para o desenvolvimento dos esquetes apresentados.

Uma das qualidades do elenco escolhido por Patrícia Fagundes, e que dá versatilidade e agilidade ao espetáculo, é a competência variada de cada um dos intérpretes. Além de atores e atrizes, eles são músicos e atuam na mesa de som, de

modo que a alternância entre as figuras em cena – espaço sempre aberto e à vista do público – é uma das atrações do trabalho que, justamente por estas alternâncias exige um ritmo muito forte e a constância de fluência do texto e do movimento cênico, o que é plenamente alcançado, significando, em última análise, um conjunto de ensaios que tornou o desdobramento do trabalho compatível com sua proposta.

*Cabaré da vida pequena* é errático, em seu roteiro, característica do gênero: vai da comédia ao drama; passa da ficção às referências a contextos imediatos. Há, no entanto, em todo o espetáculo, de pouco mais de uma hora de duração, uma preocupação com a poeticidade. Assim, há cenas, como as das casinhas em miniatura; ou a história dos migrantes, com momentos de profunda emoção e sensibilidade, que mostram uma dramaturga-diretora atenta a todo o potencial que um espetáculo como este, com um qualificado grupo de intérpretes, pode proporcionar.

Evidentemente que, na noite de estreia, havia um espaço plenamente ocupado por convidados e público mais próximo ao grupo e que, por isso mesmo, ajudou muito no clima

de emoção que permeou todo o espetáculo. Mas, mais que isso, a estreia de *Cabaré da vida pequena* serviu também, com a presença de representantes da Petrobras, para lançar formalmente as “residências” patrocinadas por aquela empresa, aproximando grupos de Caruaru (Pernambuco), São Paulo e Porto Alegre, o que faz com que certo sentimento de isolamento e abandono que “o sul do mundo” evoca, na divulgação do espetáculo, seja ultrapassado para gerar uma verdadeira integração nacional.

O tom festivo e alegre, de comemoração, que o cabaré evoca, não impede reflexões mais sérias e aprofundamentos na abordagem dos temas escolhidos, fazendo com que este espetáculo crie expectativas de ser assistido mais do que uma vez. Porque sempre trará novidades. O formato do cabaré, neste sentido, é verdadeiramente revolucionário.

*‘Cabaré da vida pequena’ é errático em seu roteiro, característica do gênero: vai da comédia ao drama*



Visitação especial apresenta obras em homenagem às Quitadeiras e aos Lanceiros Negros

## Palácio Piratini expõe novas esculturas sobre a presença negra

O Palácio Piratini promove, neste final de semana, uma oportunidade inédita para o público conhecer duas novas esculturas que passam a integrar seu acervo oficial, com inscrições abertas pelo site da Instituição. As obras, que homenageiam as Quitadeiras e os Lanceiros Negros, marcam um passo significativo na ampliação e na ressignificação do patrimônio do palácio, integrando as comemorações dos 105 anos da edificação, celebrados em maio.

Concebidas pelo Ateliê Coletivo Vinicius Vieira, as peças foram selecionadas pelo Edital Palácio Contemporâneo, lançado pela Secretaria de Estado da Cultura por meio do Instituto Estadual de Artes Visuais, em parceria com o Piratini. A iniciativa busca preencher uma lacuna histórica na iconografia do prédio público, promovendo um gesto de equiparação cultural ao reconhecer a contribuição e o protagonismo da população negra na formação etnográfica, social e econômica do Rio Grande do Sul.

Historicamente, a narrativa visual do palácio esteve atrelada a momentos como a Revolução Farroupilha e as representações que antecedem a Revolução de 1930, culminando nos famosos afrescos do italiano Aldo Locatelli que adornam os salões principais. De acordo com a direção do Complexo Palácio Piratini, a incorporação dessas novas esculturas faz avançar a história da arte dentro desse espaço, que recebe cerca de 25 mil visitantes por ano, estabelecendo um diálogo mais justo e representativo sobre a memória coletiva do Estado.

As duas figuras homenageadas carregam forte peso histórico: as Quitadeiras representam as mulheres negras, escravizadas ou libertas, que garantiram

autonomia e movimentaram a economia e o espaço público urbano até o início do século XX; já os Lanceiros Negros foram os combatentes que lutaram de forma heroica na Revolução Farroupilha, simbolizando a resistência e a busca por liberdade. As esculturas foram moldadas por um coletivo de seis artistas de Porto Alegre com trajetórias consolidadas em arte pública, museologia e narrativas afro-brasileiras, composto por Vinicius Vieira, Adriana Xaplin, Jeanice Dias Ramos, Paulo Corrêa, Rafael Nascimento e Sabrina Stephanou.

Com a inauguração, as obras entram definitivamente para o roteiro das visitas mediadas que acontecem rotineiramente durante a semana e que, excepcionalmente neste sábado e domingo, ganham uma edição especial estendida à Ala Residencial do palácio.



Peças de arte passam a integrar o acervo oficial da instituição pública

## fique ligado

# Canções intimistas de Marcelo Gross



ZÉ CARLOS DE ANDRADE/DIVULGAÇÃO/JC

Compositor faz show ao lado da pianista Mari Kerber, neste domingo, no teatro do Café Mal Assombrado

O cantor, compositor e guitarrista Marcelo Gross (Cachorro Grande) e a pianista Mari Kerber retornam ao Teatro dos Vampiros, dentro do Café Mal Assombrado (Cel. Fernando Machado, 513), neste domingo, às 19h, com o show *Piano, violão & Gross*. Os ingressos custam R\$ 50,00 e estão à venda

pelo Sympla, com apenas 30 lugares disponíveis.

A apresentação dá continuidade ao projeto que esgotou ingressos em março e abril, reunindo sucessos do compositor como *Dia perfeito* e *Sinceramente*, além de canções mais intimistas raramente tocadas ao vivo, como *Rua dos Andra-*

*das* e *Morangos & Maçãs*.

Esta edição conta com participações especiais do sitarista Eduardo Riter e da cantora Iandra Cattani. “A ideia de fazer uma temporada nos permite variar o repertório e os convidados, tornando cada apresentação um momento único e exclusivo”, afirma Gross.

## Encontro fictício entre Erico Verissimo e Clarice Lispector

A peça *A Hora de Erico*, do dramaturgo Julio Conte, inicia a temporada nesta sexta-feira e finaliza dia 12 de julho no Teatro Renascença do Centro Municipal de Cultura (Érico Veríssimo, 307), com sessões nas sextas e sábados, às 20h, e domingos, às 18h. O espetáculo encena um encontro ficcional entre Erico Verissimo e seu pai, Sebastião, conduzido pela figura de Clarice Lispector, em um acerto de con-

tas que mistura memória, fantasia e os fantasmas pessoais do escritor gaúcho. Os ingressos estão disponíveis antecipadamente pela plataforma Sympla e custam R\$ 80,00 (inteira) e R\$ 40,00 (meia-entrada).

A montagem parte da amizade real entre Verissimo e Clarice, que se aproximaram enquanto moravam em Washington DC (EUA) e mantiveram contato por correspon-

dência ao longo dos anos. Além da amizade, existia entre eles uma relação marcada pela admiração e uma certa rivalidade, motivada pela singularidade de suas produções literárias. Criada para a homenagem aos 120 anos do escritor, a *A Hora de Erico* teve sessão lotada no Teatro Simões Lopes Neto, em novembro de 2025, e passou também pelo *Porto Verão Alegre 2026*.

## JazzGig no Grezz

O grupo instrumental JazzGig se apresenta nesta sexta-feira, às 21h, no Espaço Multicultural Grezz (Alm. Barroso, 328), com a segunda edição do espetáculo *JazzGig e a Música Brasileira*. O show revisita o repertório que estreou no início do ano, reunindo temas eternizados por Eumir Deo-

dato, Azymuth e João Donato, em arranjos que misturam jazz e ritmos brasileiros. A abertura da casa é às 19h, e os ingressos estão disponíveis no local e pelo Sympla.

Formado em Porto Alegre em 2004, o JazzGig é um dos projetos instrumentais mais ativos da cena gaúcha,

com dois discos lançados: *Standards* (2009) e *Vol. 2* (2016). O grupo, formado por nove músicos, recentemente apresentou o espetáculo *JazzGig e Ithamara Koorax* no CHC Santa Casa, ao lado da cantora de maior prestígio internacional no jazz brasileiro contemporâneo.

## AGENDA

### SEXTA-FEIRA (26)

- ⌚ 10h às 20h - Exposição *Theatro São Pedro para sempre*, no foyer do Multipalco Eva Sopher (rua Riachuelo, 1089). Entrada franca.
- ⌚ 17h - Intervenção *Zenperformance*, do Coletivo Q. Na Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães (av. Érico Veríssimo, 307). A atividade antecede o lançamento do livro *Yoga como poética: o asana como tarefa*, de autoria de Clarissa Finger Brites, que acontece às 18h, no mesmo local. Entrada franca.
- ⌚ 20h - *Tributo A Tim Maia*, com o mestre Tonho Crocco e banda no Fuga Bar (rua Álvaro Chaves, 91), tocando clássicos do Sínico. Ingressos custam R\$ 20,00 no Sympla.
- ⌚ 21h - BNegão estreia na janela rosa na Rádio Agulha (av. Cristóvão Colombo) botando som com *set* baseado na música do Sul Global. Ingressos no Sympla já estão no segundo lote, a partir de R\$ 65,00.

### SÁBADO (27)

- ⌚ 16h - Cláudio Jorge fala sobre ancestralidade, música e negritude no projeto *Obras Comentadas*, com condução do músico Felipe Antunes. Transmissão gratuita pelo Youtube.
- ⌚ 17h30min - Chalé da Praça XV, no Centro Histórico de Porto Alegre, recebe o lançamento e a sessão de autógrafos do livro *Crônicas para ler com calma - Volume 5*. O evento da Editora Escuna contará com a presença de 13 autores convidados para celebrar a obra, conversar com o público e autografar os exemplares.
- ⌚ 19h - Espetáculo com as drag queens Amy Babydoll e Donnatela Calabouço, *Cabaret LaGorda* está em cartaz no Estúdio Stravaganza (rua Olinto de Oliveira, 68). Ingressos no Sympla. Repete domingo 19h.
- ⌚ 20h - Um dos clássicos recentes do teatro gaúcho, *Se meu Ponto G falasse* tem sessão no Teatro do Bourbon Country (av. Túlio de Rose, 80). Ingressos a partir de R\$ 50,00 no site Uhuu.
- ⌚ 20h - Banda das Ovelhas Desgarradas de Adriana Deffenti e Bruna Paulin apresentam espetáculo cênico-musical no Teatro Simões Lopes Neto (rua Riachuelo, 1089). Ingressos no site do Theatro São Pedro entre R\$ 40,00 e R\$ 80,00.
- ⌚ 20h - Duo Àvuà, de Bruna Black e Jota.pê, apresentam-se no palco do Opinião (rua José do Patrocínio, 834) com ingressos entre R\$ 85,00 e R\$ 170,00 no Sympla.
- ⌚ 21h - A banda Yustedes apresenta o espetáculo *Yustedes cantan Fito, Charly y Soda por La Scaloneta*, no Grezz (rua Alm. Barroso, 328), tocando rock argentino. Após o show, o lugar irá transmitir o jogo da Copa do Mundo Argentina X Jordânia no telão. Ingressos no Sympla entre R\$ 25,00 e R\$ 50,00.

### DOMINGO (28)

- ⌚ 12h - Café Cantante e o Espaço 373 realizam a primeira edição do *Fronteiras Sonoras - Festival de Música Uruguiaia*. O lançamento no Espaço 373 (rua Comendador Coruja, 373) terá a tradicional *paella* campeira preparada pelo chef Frank Volcan e a música de Demétrio Xavier e Antonio Olivar. Os ingressos custam R\$ 80,00 e podem ser adquiridos pelo Tri.RS.
- ⌚ 18h - Canal *Na Ponta da Agulha* celebra quatro anos, com evento no Trilha Hub Cultural (rua Leônidas de Souza, 891 - Sapucaia do Sul), a partir das 18h. As atrações são a banda de indie rock Supervão, de São Leopoldo, e o trio experimental Fungo Preto. Os ingressos custam R\$ 20,00 antecipados ou R\$ 30,00 na hora, disponíveis pelo WhatsApp (51) 9 9217-9735.

## Show do rapper Djonga no Opinião

Um dos nomes mais relevantes do rap nacional, Djonga retorna a Porto Alegre com a turnê do seu mais recente trabalho, o disco *Quanto mais eu como, mais fome eu sinto!* O mineiro sobe ao palco do Opinião (José do Patrocínio, 834) nesta sexta-feira, às 23h30min. Os ingressos estão disponíveis pelo Sympla e custam entre R\$ 90,00 e R\$ 180,00.

Lançado em 2025, o novo disco marca um novo capítulo na trajetória do artista, explorando a “fome” como metáfora para o desejo de evolução e de transformação. Com uma narrativa que atravessa temas como identidade, desigualdade, afeto e superação, o disco tem como destaque faixas como *Melhor que ontem; Fome e Demoro a dormir*.

## reportagem cultural

# Talento e resistência a serviço da cultura

Marcello Campos, especial para o JC

Contemporânea de vozes femininas como Flora Almeida, Elaine Geissler, Muni, Luciana Tomasi, Ângela Jobim, Glória Oliveira, Marietti Fialho, Luciana Costa e Adriana Calcanhotto, Nanci Araújo define a cena local da época como de amizade, incentivo e admiração mútua entre as colegas de geração. “Nossa professora de canto, Dea Mancuso, fazia questão que fôssemos aos shows umas das outras”, enfatiza. A respeito da própria carreira, ela considera como marco inicial uma apresentação em 22 de outubro de 1986, com banda de apoio e foco em MPB e compositores locais, na Companhia de Arte – centro cultural criado no ano anterior pela Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal (Apcef) em um prédio nos altos da Rua da Praia.

O período coincide com a busca constante por aprimoramento técnico, que começa com a já mencionada Dea Mancuso (ao todo, dez anos de aulas) e avança em 1987 com três meses no curso de Teoria e Percepção Musical na seccional gaúcha das Ordem dos Músicos do Brasil (OMB-RS) – uma das exigências para se obter a carteirinha profissional da entidade. No mesmo ano, Nanci daria o maior salto até então em sua trajetória, ao coprotagonizar uma iniciativa histórica e que muitos consideram inédita até então no País: a fundação da Cooperativa Mista dos Músicos de Porto Alegre (Coompor).

Na origem está um chamamento da presidência do Clube de Cultura – fundado em 1950 – para que artistas colaborassem na tentativa de revitalização do espaço localizado na rua Ramiro Barcelos nº 1.853, bairro Bom Fim. Tendo como “QG” uma sala na própria sede da entidade, a mobilização rapidamente se consolidou na for-



Nanci Araújo iniciou sua carreira artística em outubro de 1986, na Companhia de Arte

ma de um coletivo estruturado de acordo com princípios de autonomia e profissionalismo para o desbravamento de oportunidades à classe em todo o Estado, por meio de comissões especializadas em produção, divulgação, logística e captação de recursos.

Mais de 300 elementos (em sua maioria músicos) aderiram à ideia, metade deles efetivamente associados e cerca de uma dezena batendo ponto todo dia no escritório. Durante os quase oito anos de duração do empreendimento, nomes do porte de Nelson Coelho de Castro, Bebeto Alves, Pery Souza, Gelson Oliveira, Cláudio Levitan, Pedrinho Figueiredo, César Dorfmann, Paulo Gaiger e Neusa Ávila (assim como Nanci, uma das poucas mulheres no

grupo) construíram um legado de vanguarda e representatividade ainda valorizado.

A cooperativa também promovia cursos e oficinas de violão, teoria musical e produção executiva, permitindo aos artistas um manejo qualificado de editais de patrocínio e outras demandas do mercado, contribuindo para erguer de patamar a cena musical gaúcha. De todas suas realizações, a de maior sucesso foi o projeto *Coompor Canta Lupi*, reunindo no palco um supergrupo com membros da turma para interpretar clássicos de Lupicínio Rodrigues em roupagem moderna – um arrojado de impacto positivo inclusive nas carreiras individuais. Nada mal para uma ideia decorrente da mera necessidade de se adquirir

uma linha telefônica para o escritório no Clube de Cultura. “Foram cerca de 150 apresentações em diversas cidades a partir de 1989, com uma infraestrutura de alto nível e que resultou na gravação de um LP de grande circulação, além da compra de sonorização própria”, acentua Nanci. “Os mais experientes orientavam os iniciantes, proporcionando uma impressionante troca de conhecimentos. Integrei o conselho fiscal, divulgação e tal, de modo que a cooperativa funcionou como uma faculdade para mim, que ainda estava me lançando cantora, aos 23 anos. Esse processo só se encerrou em meados de 1993, quando a Coompor havia se tornado algo tão grande que ficou difícil de gerir, até pela sobrecarga de compro-

missos do pessoal”.

O flautista e produtor musical Pedrinho Figueiredo adiciona predicados à parceira de empreitada: “Motivadora incansável, ela doou muito de seu tempo e energia estimulando os que estavam à sua volta, para não esmorecerem. Acompanho com admiração as notícias de suas lutas por causas sociais, com uma vibração e postura batalhadora que não se perderam com o tempo. Quando dividíamos o palco, eu via em Nanci a emoção de Lupicínio em interpretações viscerais, tudo registrado em um vinil que vale a pena buscar, com sete intérpretes da melhor qualidade, acompanhados por instrumentistas talentosíssimos. Foi uma honra termos convivido”.

## Magistério como consequência

Tamanha entrega pessoal e profissional em tantas frentes ao longo dos últimos 40 anos fez de Nanci Araújo uma multiplicadora de informações e talentos. Observando-se a questão por tal ângulo, não surpreende o fato de que a “Velha Guerreira” tenha adicionado à sua caminhada o Magisté-

rio, como uma consequência quase que natural das inúmeras Nancis que se complementam na mesma mulher. Com a palavra, a professora: “Aprendi muito com os movimentos sociais e também compartilhei saberes nos encontros, e me vi educadora popular. Concluí os estudos com graduação em

Pedagogia no Centro Universitário Leonardo Da Vinci (Uniaselvi), em 2019. Com a pandemia da Covid, no ano seguinte, eu me reorganizei e parti para a docência”.

Lecionando a estudantes do Ensino Fundamental em Esteio e depois Porto Alegre, há três anos ela evoluiu de contratada

a concursada. Também acrescentou ao currículo, em 2024, o curso de Licenciatura em Música pelo Instituto Educacional do Rio Grande do Sul (Iergs). Seu palco diurno é hoje a Escola Municipal Morro da Cruz, no bairro São José, onde olhos e ouvidos curiosos de uma gurizada ávida por novidades

servem de incentivo adicional à missão de semear conhecimento e transformar vidas. “Isso é algo que sempre mexeu comigo”, emociona-se. Para ela, um simples e espontâneo “Oba!” dos alunos ao confirmarem que a professora estará presente em sala de aula soa, por si só, como música.

## Discografia breve, mas consistente

Com participação em dezenas de álbuns de terceiros, Nanci colhia, em 1995, os frutos de uma trajetória consolidada por quase dez anos de atividade ininterrupta diante dos microfones. Shows em espaços como Auditório Araújo Vianna, Salão de Atos da Ufrgs, Teatros Renascença, Sesi, Arena, Sesc, Dante Barone e São Pedro, Casa de Cultura Mario Quintana, bares Opinião, Companhia dos Sanduíches, Blue & Jazz. Festivais na Capital, Interior e Litoral. Jingles. Foi quando decidiu, enfim, lançar seu próprio disco. A estreia fonográfica se deu com o CD *Nanci Araújo* (MCK Multimídia), reunindo faixas de Lupicínio Rodrigues, Zé Caradípia, Gelson Oliveira, Fernando Corona, Lori Finocchiaro/Paulo Nequetti e Mario Scherer/Thais Colvara.

Já em *Velha Guerreira* (1997), bancado pelo Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural (Fumproarte), a atenção se voltou a trabalhos de Túlio Piva, Bedeu, Leleco Telles, Luiz Wagner, Wilson Ney, Nelson Coelho de Castro e Marco Farias. A discografia permanece resumida a esse

par de trabalhos, cuja disponibilidade na plataforma digital Spotify (por obra do amigo e também músico Jorge Foques) ressalta a qualidade, solidez e independência no livre trânsito da MPB ao samba, com ênfase total a compositores porto-alegrenses. Questionada sobre o prolongado hiato fonográfico desde então, ela justifica:

“A produção e lançamento de um disco envolve todo um processo recompensador e também desgastante, o que contribuiu para que eu não gravasse mais. Recentemente, pensei em investir na retomada dessa linha, com algumas de minhas 30 composições. Inclusive já gravei seis em estúdio. Mas tudo tem seu tempo, pois também sou professora e, dando aula, a voz fica complicada, então tem que ser nas férias. Antes disso, na época do primeiro CD, cheguei a receber convites de gravadoras como a Continental para fazer discos inteiros com repertório de uma compositora paulista, mas recusei porque queria manter o foco nos autores aqui da cidade”.

O também cantor e compositor Gelson Oliveira é categó-



ACERVO NANCI ARAUJO/DIVULGAÇÃO/JC



ACERVO NANCI ARAUJO/DIVULGAÇÃO/JC

rico ao adjetivar a contribuição artística da colega. “Com sua voz marcante e profundo conhecimento do cancionário popular, Nanci Araújo é uma das grandes cantoras de Porto Alegre, algo evidente em suas apresentações e CDs”, avalia. “Nos tempos da Coompor, quase que diariamente pude observar a força de uma guerreira incansável, com quem muito aprendi. Desde então, já

tive o privilégio de dividirmos o palco diversas vezes e, acompanhando seu desenvolvimento, fico muito feliz em saber que ela segue em frente com a sua missão de propagar o que há de melhor na música do País.”

Nelson Coelho de Castro complementa: “Nanci é uma fortaleza de coragem a nos inspirar. Eu não consigo imaginar o tanto que ela faz para enfrentar as situações,

inclusive as de dor, sempre de forma tão positiva. Como cantora, é dona de uma voz muito própria, de timbre e interpretação pungentes. E também uma mobilizadora que une as pessoas, ‘vamos juntos’ e tal. Era assim já no tempo que a Cooperativa patinava em alguns temas: precisávamos enfrentar determinada situação e ela puxava o cordão. Continua uma grande companheira”.



ACERVO NANCI ARAUJO/DIVULGAÇÃO/JC

Como ativista, Nanci liderou a consolidação do assentamento Utopia e Luta

## Do ativismo cultural ao social

Vivendo praticamente só da música até 2005, a “Velha Guerreira” manteve inabalada uma filosofia de trabalho sem amarras a grandes esquemas. “Ganhei um bom dinheiro como cantora, sabia o caminho das pedras. Sempre fui minha própria produtora, usando telefone, fax, secretária eletrônica e uma personagem fictícia ‘Teresinha, empresária de Nanci Araújo’ para oferecer shows a prefeituras, por exemplo”, diverte-se. “Aliás, para quem quiser me contratar, o e-mail é nanciaraujo@gmail.com” O ativismo cultural, uma de suas facetas, evoluiu para outras pautas na metade da década seguinte, com força capaz de mudar para sempre um roteiro de vida.

Naquele ano, um prédio de sete andares no Viaduto da Borges e vazio por quase 20 anos, após ser administrado pelo INSS, foi ocupado por participantes do 5º Fórum Social Mundial e do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN). Surgia o assentamento urbano Utopia e Luta, que posteriormente obteve do governo federal a conversão do imóvel em edifício de 42 apartamentos JK, reinaugurado em 2009 após reformas estruturais financiadas de modo pioneiro pela Caixa. Enquanto tramitava o processo de ocupação, Nanci foi convidada a cantar no local com o então companheiro Eduardo Solari, músico uruguaio e pai do único filho da

cantora - Sebastian, 23 anos, atleta profissional de remo e formado em Produção Audiovisual pela Universidade Feevale. Mais que moradora, acabou exercendo junto com Solari um papel fundamental para que a regularização do projeto se tornasse realidade. Ali residem atualmente mais de 80 vizinhos, com acesso a atividades culturais e formativas que abrangem grupo de teatro, aulas de capoeira e exibição de filmes, dentre outras ações. “Nanci é uma referência, sempre com reflexões importantes sobre gênero, afeto e respeito às diferenças”, afirma a educadora social Veridiana Farias Machado, companheira de batalhas junto a pessoas em situação de rua.

## Empreendedora de mão cheia

O engajamento a iniciativas na área do empreendedorismo cultural e social é outro ponto de convergência nas diferentes realizações de Nanci Araújo. De 2001 a 2003, manteve espaço para comércio de CDs independentes em uma das lojas do Viaduto da Borges, por meio de ação compartilhada entre a Associação dos Compositores de Porto Alegre e a Mostra de CDs Independentes – esta última,

idealizada com os também cantores Márcio Celi e Flora Almeida, chegou a reunir 180 nomes, merecendo Menção Honrosa no Prêmio Açorianos de Música. Já no térreo do edifício onde reside, um espaço anexo serviu para que Nanci instalasse uma simpática loja de bolsas artesanais e camisetas impressas pelo serigrafista Marcelo Roncato. Nanci participou, ainda, da

Associação Contraponto de Produtores de Economia Solidária, com a venda de comidas veganas em lojinha no Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Deflagrado em 2012 como atividade de extensão das Faculdades de Educação e Economia, o programa se mantém ativo. A artesã Katiucia Gonçalves conheceu a amiga por meio da militância na entidade, na qual

colabora atualmente como secretária. “Sempre disposta a construções coletivas, Nanci estimula a gente a refletir através da sua visão crítica, constrói junto e agrega com suas habilidades, partilhando inclusive conhecimentos culinários. Na época em que ela representava o movimento Utopia e Luta na Contraponto, levava pizzas veganas, muffins e combuchas, tudo uma delícia!”.



\* **Marcello Campos** é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela PUCRS) e Artes Plásticas (UFRGS). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.

# nas telas



Diretor chinês é homenageado na Sala Redenção, nesta sexta-feira

## Filme-surpresa de Wong Kar Wai

Em celebração ao Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+, a Sala Redenção (Eng. Luiz Englert, 333), exibe filme-surpresa do premiado diretor Wong Kar Wai. A sessão acontece nesta sexta-feira, às 19h, com entrada franca. Nascido em Xangai, Wong Kar-Wai foi o primeiro chinês a ganhar o prêmio de melhor diretor no Festival de Cannes, em 1997, com o longa-metragem *Felizes juntos*.

Em seus trabalhos, o cineasta recorre a cores intensas, jogos de luz, filtros e variações de velocidade para construir atmosferas marcantes. É famosa sua "trilogia do amor", composta pelos filmes *Dias selvagens* (1990), *Amor à flor da pele* (2000) e *2046: os segredos do amor* (2004). A popularidade do cineasta foi consolidada com *Amores expressos* (1994), sucesso de público e crítica.

## Dublagem de *A outra* no catálogo da Netflix

O drama *A outra* (2008), estrelado por Natalie Portman, Scarlett Johansson e Eric Bana, ganhou nova dublagem para chegar ao catálogo da Netflix. A versão é dirigida por Marlene Costa e reúne Felipe Grinnan na voz de Eric Bana, Fernanda Baronne como Scarlett Johansson e Flávia Saddy como Natalie Portman.

Fernanda Baronne já dublou Scarlett Johansson em mais de 30 projetos, incluindo produções do MCU e *Jurassic World: Recomeço*. O filme que chega com nova dublagem à plataforma é dirigido por Justin Chadwick, e acompanha as irmãs Bolena, Maria e Ana, em meio a disputas de poder na corte do rei Henrique VIII.

## Novo filme de ficção científica nos cinemas

O longa-metragem *Aquele que viu o abismo*, vencedor de Melhor Filme na Mostra Olhos Livres da 27ª Mostra de Cinema de Tiradentes, chega aos cinemas brasileiros em 16 de julho, distribuído pela Embaúba Filmes. A obra é dirigida pela dupla Gregorio Gananian e Negro Leo, que também protagoniza o filme. A trama acompanha X

(Negro Leo) em um futuro distópico, dominado por uma organização que recruta civis com a promessa de vida eterna, em uma jornada marcada por assassinatos, visões e viagens alucinógenas. O elenco conta ainda com nomes como Danielly O.M.M Kaufmann, Ava Rocha e participação especial de Clara Choveaux.

# palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

|   |   |  |  |
|---|---|--|--|
| Escritora norte-americana, recebeu, em 2014, o prêmio Pulitzer pelo romance "O Pintassilgo" | (?) fiscal, forma de estímulo estatal à atividade econômica | Dinastia que reinou na Inglaterra, entre 1154 e 1485 | Produzido em tiragem limitada, é procurado avidamente por filatelistas |
| Falta de um jogador importante no time, na partida de futebol (pl.)                         | O suor do medroso   | Vegetal que irrita a pele                            |  |
| Voto de silêncio da máfia italiana  | Níquel (símbolo)  | Designação genérica da atmosfera                     | Idade, em inglês   |
| Vara de pescar  | Reproduz fielmente  | Festa cristã   |  |
|   |   | "Vítima" do joio                                     |  |
|   |   | A responsabilidade do DJ                             |  |
| Capital e maior cidade da Jordânia  |   | Cidade do Circuito das Águas mineiro                 | Pequeno lagarto resistente à doença                                    |
|   |   |  | (?) de produção, conceito marxista                                     |
| Estudo das causas das doenças   | Palavra que encerra a ave-maria                             |  | Forma oblíqua do pronome "eu"  |
|   |   | Espaço virtual (Inform.)                             |  |
| Vento brando  | Bem, em francês   |  | Deusa inspiradora das Artes (Mit.)                                     |
| Região da Grécia  | Abrigo esquimó construído com blocos de gelo                | Receio   |  |
|   |   | Doutor da lei islâmica                               |  |
| George Lucas, cineasta  | Logradouro público  |  | Sinônimo de "utiliza"  |
| Rio parcialmente represado pela barragem de Assuã   | Teste, em inglês  | Ídolo do futebol argentino                           | Coletividade representada pelo totem                                   |
|   |   | Trinta dias  |  |
| Sucesso da banda Ultraje a Rigor  | Unidades mínimas de significação de uma palavra (Ling.)     | Erasmus de Roterdã, filósofo humanista               | O primo da Cuca (Lit.)   |
| Problema lógico inerente ao paradoxo  | "Nacional", em Inpe   |  | 55, em algarismos romanos  |

BANCO — geco — geco — test: 5/ulerna. 6/omerta. 10/donna tartt. 12/plantageneta. 3/age. 4/bien — geco — geco — test: 5/ulerna. 6/omerta. 10/donna tartt. 12/plantageneta. 13

## #FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesse nosso site!

### Solução

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| O | V | Ó | I | D | V | R | L | N | O | C |
| L | V | S | V | S | E | M | S | E | L |   |
| I | C | A | S | E | L | E |   |   | I |   |
| T | S | W | M | T | I | L | I | N | I |   |
| V | S | U | R | U | V | A | T | G |   |   |
| R | O | M | E | T | E | A | I | C | A | T |
| I | O |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
| M | E | M | A | M | E | M | A | T | A |   |
| M | E | M | A | M | E | M | A | T | A |   |
| O | I | N | N | E | G | E | A | R | A | V |
| E | C | O |   |   |   |   |   |   |   |   |
| L | A | T | A | L | I | N | N |   |   |   |
| E | S | F | A | L | T | A | R | O | M | E |
|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |

## horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

**♈ Áries:** Sua visão está turvada e sua mente fora de foco. A imaginação está ativada, mas de modo estranho e nebuloso, e você enxerga situações familiares de modo distorcido.

**♋ Câncer:** Você se inebria com algo em seu trabalho, e pode tomar um partido errado. Por outro lado você pode estar hoje insatisfeito com sua própria pessoa, menosprezando-se.

**♎ Libra:** Você confia de maneira errada nas pessoas erradas. É preciso melhor discernimento no trabalho e nas parcerias. Um fascínio súbito é sinal de enxergar apenas parte da situação.

**♉ Touro:** Netuno em tensão com o sol indica se perder em compromissos sem sentido ou cometer atos falhos na comunicação. As viagens e os estudos são prejudicados pelos enganos.

**♌ Leão:** O encaminhamento que você dá à lida com problemas e com a saúde deve ser precedido de boa discriminação. Evite jogar com o acaso ou se permitir ser displicente demais.

**♏ Escorpião:** Certas tarefas podem ser inconclusivas ou se perder. O planejamento não funciona diante de situações instáveis, como aquelas do trabalho. Mesmo assim, mantenha o foco.

**♊ Gêmeos:** Cuidado com enganos no uso que faz do dinheiro, mas também com a consideração que dá às pessoas. Talvez você valorize as pessoas erradas ou ideias que são enganosas.

**♍ Virgem:** Você se engana com as pessoas ou elas com você. Os limites das relações e partilhas devem ser definidos. Os amigos não deveriam participar de negócios nem do trabalho.

**♏ Capricórnio:** A indisposição com certas pessoas está baseada em julgamentos parciais. Não acentue ainda mais as distorções nos assuntos domésticos e conjugais. Procure esclarecimento.

**♒ Aquário:** A desorganização da agenda e a indisciplina nos afazeres diários complicam o trabalho. A comunicação displicente é fator de prejuízos na relação com amigos e colegas.

**♓ Peixes:** Evite arriscar seus bens materiais e seu patrimônio. São grandes as chances de investir errado. Também não desperdice tempo e recursos com projetos sem sentido.



Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## Volta ao mundo combatendo o crime

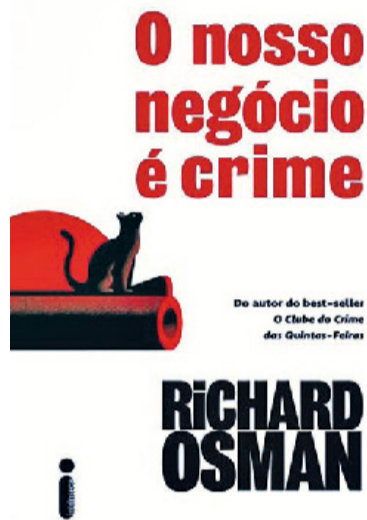
O britânico Richard Osman, escritor, comediante, produtor e apresentador de televisão, lançou seis livros nos últimos seis anos e seus best-sellers internacionais *O clube das quintas-feiras*, *O homem que morreu duas vezes*, *A bala que errou o alvo* e *O último demônio a morrer*, com mais de 17 milhões de exemplares vendidos pelo mundo, são o maior fenômeno literário do Reino Unido desde *Harry Potter*.

*O nosso negócio é crime* (Editora Intrínseca, 336 p., R\$ 79,90), o primeiro volume da nova série de mistério de Osman é mais um grande sucesso do autor que a Intrínseca lança no Brasil, com tradução de Jaime Biaggio. Com a consagrada narrativa empolgante e repleta de reviravoltas, o volume recebeu excelentes críticas da imprensa britânica e traz uma insólita e improvável dupla de detetives. Steve Wheeler, policial por 25 anos, aposentado

no pacato vilarejo de Axley, se distrai com pequenas investigações mas no fundo quer mesmo é curtir a rotina num *pub* ou no banco preferido ao lado do lago, e depois encontrar seu gatinho que o espera em casa.

Amy Wheeler, nora de Steve, é segurança particular e acha que adrenalina faz bem para a alma. Ao contrário do sogro que não quer mais aventuras, Amy não finca raízes por muito tempo em lugar algum e aí não cria hábitos e rotinas. Ela estava numa ilha particular fazendo a segurança de uma autora de suspenses mundialmente famosos. O trabalho parecia tranquilo até Amy encontrar um cadáver com uma bolsa cheia de dinheiro e um assassino persistente.

Amy convoca o sogro, que no início relutou em deixar a vida mansa e os dois acabam embarcando numa verdadeira volta ao mundo para combater o crime; uma verdadeira confusão



de proporções mundiais. Será que a dupla corajosa e icônica vai conseguir ser mais esperta do que o inimigo mortal? Amy está louca por descobrir. Steve, nem tanto. Osman adora histórias e pessoas e se diverte mostrando como elas ao mesmo tempo são excêntricas, esquisitas e humanas.

## e palavras...

### GUIA DO ELEITOR 2026

Então outrora esperançosos amigos do Patropi, vamos para mais uma eleição majoritária, sem voto impresso. Butão e Brasil são os únicos países que não imprimem. Bangladesh era o terceiro, mas em 2025 a Comissão Eleitoral de lá avançou e decidiu abandonar o uso exclusivo das urnas eletrônicas. Será que o Butão também vai adotar o sistema antes da gente? A ver.

Nas últimas décadas, aproximadamente, um terço do eleitorado votou na chamada “esquerda”; outro terço votou no que dizem ser a “direita” e um terço ficou em casa, se absteve ou foi até a urna para anular o voto ou votar em branco. Não me pergunte onde fica a esquerda ou a direita, que a sinalização está meio apagada e se quiserem saber sigam o rumo das suas mentes e corações.

Não me pergunte onde estão o centro, o centrão, a centro-direita, a centro-esquerda, os liberais de esquerda e de direita e os radicais de centro. Tente descobrir por ti mesmo, mas cuidado com certas mídias, certos historiadores contadores de narrativas históricas e certos “produtores de conteúdo” e *influencers* que andam por aí fabricando velhas e novas ‘novidades’ e falsidades. Todo cuidado é pouco. Em caso de dúvida consulte seus vovôs, por via mediúnica se for preciso.

Para variar, estamos polarizados - barbaridade. Dizem que terceira via não vai rolar, mas neste País até o passado e o presente são incertos - e aí não se sabe se nesses poucos meses antes das eleições não surgirá um fenomenal e meteórico salvador da pátria, um

*outsider* ou *insider* que provocará uma surpreendente e previsível reviravolta no cenário eleitoral. Tudo é possível. É preciso viver um escândalo e um factóide (opa, agora é *fake news*) a cada dia. O escândalo do meio-dia embrulhamos com o escândalo da uma da tarde. É preciso datar as fotos, as opiniões e os *posts*, ter paciência e deixar que o tempo faça a parte dele. O tempo se vinga das coisas que são feitas sem sua imprescindível contribuição.

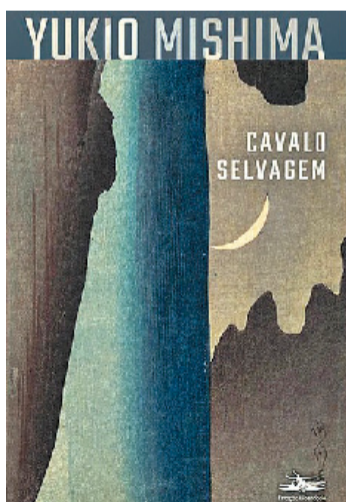
Pois é, está tudo como dantes no quartel d’Abrantes, mais ou menos um terço não quer Lula nem Bolsonaro e gostaria de outra alternativa. Pode ser que a coisa mude, política muda como nuvem, como disse o Magalhães Pinto, o careca do banco e da política.

Enquanto isso a batalha política parece briga de bugio, com ataques pessoais e poucos planos para o Brasil. Até não deveria dizer isso para não ofender os simpáticos macaquinhos, que muitas vezes só dão uns pulos e gritos e não chegam a atirar fezes nos adversários. O País teve 42.590 homicídios em 2025. Em 2017, a coisa estava pior, foram 65.600. “Melhoramos”.

O governo federal fechou 2025 com déficit primário de R\$ 61,7 bilhões. Com juros da dívida, o déficit nominal foi de R\$ 1,06 trilhão em 2025. Temos 76,6 milhões de endividados, enquanto 18,9 milhões de famílias recebem Bolsa Família.

Problemas com educação, segurança, habitação e saúde seguem; 7,9 milhões de brasileiros entre 14 a 29 anos não concluíram o Ensino Médio ou nunca frequentaram a escola.

## lançamentos



► **Cavalo Selvagem** (Estação Liberdade, 400 p., R\$ 97,00) romance do grande escritor japonês Yukio Mishima (1925-1970) é o segundo volume da tetralogia *Mar da fertilidade* e se passa após o incidente de maio de 1932, a tentativa de golpe de estado. Com elementos culturais, a narrativa traz o jovem Isao, filho de Kiyooki Matsugae, protagonista do primeiro volume e fala de jovialidade, tradição, maturidade e “progresso”, num Japão que começava a ocidentalizar-se.



► **Só fumo quando bebo** (Planeta, 160 p.) do premiado escritor e médico Marcelo Henrique Silva, vencedor do Prêmio Jabuti Escritor Estreante em 2025, traz dez contos com a tensão e o erotismo constante entre o que se vive e o que se pode dizer. Corpos, desejos, velhice, doenças, personagens sem medo de descobertas e do olhar do outro, sem medo de vida e morte estão nas intensas histórias.



► **O Retrato do Senhor Reitor** (Bestiário, 72 p.) de Alexandre Beluco, engenheiro, professor universitário, Doutor em Engenharia e escritor. Romance em tom de comédia, fala de relações de poder, vaidade, rituais e memória. Um clube centenário, um retrato como atestado de poder, uma mãe irredutível e um carro que quebrou na hora certa. Isto e muito mais estão na obra que mostra a lógica de poder existente em muitos locais.

## a propósito

Não se desespere, eleitor. Não agora. Temos uns meses pela frente antes de você cumprir ou não seu dever/direito cívico. Vamos conferir o que vem por aí. Dados, informações progressas, “escandalômetros”, promessas e planos de candidatos. Pensando bem, o eleitor sabe que independentemente de quem ganhar vem aí mais impostos. Pagar imposto e morrer, as duas certezas da vida. Entre cortar despesas e aumentar impostos, você sabe o que eles fa-

zem. Vá conferindo, eleitor, que precisamos de País democrático, plural, transparente, desenvolvido, saudável e bem-educado. Tomara que o Ciro Gomes esteja errado; ele disse que não tem mais jeito, mas que quer ser governador para ajudar o Ceará e ir a Brasília conversar com o futuro presidente. Vamos lá, é proibido gastar e não podemos nos dispersar, disse o Tancredo pouco antes de se livrar do pepinão. Vote bem, urna não é penico. (Jaime Cimenti).

## sangue novo

# O lançamento tardio de Mathias Baddo

Joana Luna Camargo

Mathias Baddo escreve desde os 13 anos, mas só lançou sua primeira música solo nas plataformas digitais em 2022. Antes disso, passou quase duas décadas dividindo composições, guitarras e arranjos entre as bandas Metropolis, Ad Rock FC e Território Antifa, sem registrar nada em nome próprio. No dia 22 de abril deste ano, quando fez 42 anos, lançou *All Day*, canção escrita ainda adolescente e que ficou 27 anos sem produção.

A entrada de Baddo na música veio pela poesia. Na pré-adolescência, o gosto por versos chegou e o levou a escrever; não tardar, a passagem para as canções aconteceu de forma natural.

Se inscreveu em aulas por conta própria, aprendeu a tocar, estudou teoria musical e, mais tarde, produção digital, montando em 2008 o próprio estúdio em casa, onde compõe e grava até hoje.

O processo de composição de Baddo segue uma ordem fixa: o texto sempre vem primeiro. “Quase sempre, eu esbarro em alguma ideia de letra, algum encaixe de conceitos e formas que me agradam e me fazem desenvolver uma letra”, explica. A harmonia e o ritmo chegam depois, ajustados ao que já foi escrito, e quando o encaixe entre letra e melodia exige, ele prefere cortar uma palavra bem construída do que travar o andamento da canção. “Quase sempre priorizando o tema do texto, eventualmente, sacrifican-

do alguma palavra bonita para a canção fluir melhor”, diz.

Com o grupo Ad Rock FC, Baddo circulou por festivais e mais de 40 programas de rádio regionais. A experiência em banda, no entanto, é o que ele usa como contraponto para explicar por que a carreira solo demorou tanto para começar. “A diferença é a liberdade decisória. Solo, tu decide pra onde vai e vai e pronto. Com banda, é preciso conversar, alinhar, esperar o tempo e a disponibilidade de cada um”, compara.

*All Day* é, segundo o artista, sua primeira experiência de composição pensada como um todo, com letra, melodia e estrutura desenvolvidas em conjunto desde o início – diferença que ele atribui aos anos de estudo entre a escrita da canção e seu lançamento. Hoje, o catálogo de Baddo nas plataformas inclui ainda dois álbuns, um deles instrumental, dois EPs temáticos e vários singles; além de centenas de composições na gaveta.

Baddo já integrou projetos coletivos da cena autoral gaúcha, como o Território Antifa, em que atuou como baixista e compositor, e o Som do RS, ligado ao *MorroStock*. Apesar disso, descreve sua rede de contatos no cenário musi-



JUREMA FORTES/DIVULGAÇÃO/JC

Compositor lança música escrita na época em que tinha 13 anos de idade

cal de Porto Alegre como enxuta. “Eu me vejo com uma base ainda pequena de contatos e conexões, porém, com coerência e continuidade, entendo que naturalmente vou expandir”, afirma, citando a existência de grupos dedicados à cena autoral não só na capital, mas em toda a Região Metropolitana e no interior do Estado.

Por ora, a prioridade do artista é dar vazão ao volume de canções já escritas, deixando os

palcos para depois. “Nesses 27 anos compondo, já são algumas centenas de músicas esperando por uma atenção, um registro. Dá para explorar bastante o compositor ainda”, diz. Os shows, segundo ele, virão quando o trabalho gravado encontrar repercussão suficiente para ocupar os espaços. Enquanto isso, segue dividindo a rotina entre as aulas de música que dá, o serviço público e o volante de um carro de aplicativo.

## qual é a boa?

Toda a semana, a equipe de redação do Jornal do Comércio vem com sugestões para melhor aproveitar a vida cultural de Porto Alegre no final de semana. Nesta edição, dá para curtir shows, lançamento de livro e caminhada guiada, com foco na história da Capital



Quem não vive o dia a dia do *heavy metal* talvez ache que o Brasil, nesse quesito, se resume ao Sepultura, ao Angra e olhe lá. Mas a verdade é que, há décadas, o cenário brasileiro do metal é um dos mais ativos e produtivos do mundo - e uma prova disso acontece neste domingo, quando o Opinião recebe o festival *Brazilian Metal Forces*, só com bandas significativas do metal feito em nosso País. Lendas da barulheira, Korzus e Viper vêm de São Paulo para tocar ao lado dos locais Phornax e Xakol, que será a banda de abertura. A maratona pesada começa às 18h e vai até às 23h, com ingressos à venda no Sympla. Dito isso, vocês já sabem onde me encontrar neste domingo!

**Igor Natusch**, editor de Cultura/JC



Como sou interiorana, aprendi a amar Porto Alegre ao me conectar com a cidade, principalmente a partir da sua história. E, nesse ponto, algo que sempre me ajudou muito foram os percursos guiados pela cidade. Neste final de semana, a minha dica é justamente o trajeto *Caminhos da Matriz*, que percorre edifícios centenários e promove a história pública da Capital. O encontro, gratuito e sem inscrições, será neste sábado, às 14h, no Monumento a Julio de Castilhos, na Praça da Matriz. Mesmo para quem nasceu e cresceu na cidade, é uma maneira de ressignificar lugares do cotidiano e conhecer ainda mais sobre a sua formação histórica.

**Ana Stobbe**, repórter de Economia/JC



Para este finde, a boa são os dois shows de reunião com a formação original da Barão Vermelho que acontecem nesta sexta e sábado no Auditório Araújo Vianna, às 21h. Conheci a banda ouvindo no carro do meu pai, com o CD *MTV ao Vivo*, no início dos anos 2000, e desde lá, escuto em diversos momentos da minha vida. Desde o anúncio, espero ansiosamente por essas noites. O lineup Frejat, Dé Palmeira, Guto Goffi, Mauricio Barros, acompanhados de Fernando Magalhães, promete uma noite de nostalgia com os maiores clássicos da banda. O show acontece depois de mais de 30 anos da saída do baixista Dé e quase dez anos da volta do Frejat. Pura emoção!

**Joana Luna Camargo**, estagiária de Cultura/JC



O rolê cultural deste final de semana em Porto Alegre inicia nesta sexta-feira, às 18h, no Foyer do Multipalco Eva Sopher, que recebe o jornalista Juarez Fonseca para o lançamento de *Gilberto Gil - O tempo é o nada que é tudo*. O livro é um documento histórico, reunindo dez entrevistas e 30 resenhas escritas ao longo de 50 anos por Fonseca, que é um dos jornalistas, críticos musicais e pesquisadores mais respeitados do Rio Grande do Sul e do Brasil. O material vai desde o retorno do exílio de Gil em 1972 até a turnê de despedida *Tempo Rei*, no Beira-Rio em 2025. A noite de autógrafos cai na data de aniversário do mestre baiano. Garante teu exemplar!

**Adriana Lampert**, repórter de Cultura/JC